

Fonte:

<http://www.cadernosdapedagogia.ufscar.br/index.php/cp/article/view/178/104>

A BRINQUEDOTECA HOSPITALAR COMO ESPAÇO DE HUMANIZAÇÃO E EDUCAÇÃO NÃO FORMAL

Juliane Morais¹

Ercília Maria Angeli Teixeira de Paula²

Resumo

A brinquedoteca é um espaço destinado para o brincar e é imprescindível no hospital, já que quando a criança é internada sofre com tratamentos dolorosos e com o afastamento de seus familiares, espaços educativos e de lazer. A brinquedoteca traz para dentro do hospital momentos de brincadeiras que contribuem para a continuidade do processo educativo da criança. Por ser um espaço lúdico e educativo diferente dos ambientes formais de educação e por apresentar uma proposta humanizadora caracteriza-se como um espaço de Educação Não Formal. Essa pesquisa foi qualitativa e a metodologia utilizada foi a revisão da literatura, com intuito de analisar os materiais que estão sendo escritos a respeito desse tema. Os procedimentos metodológicos foram pautados na revisão de literatura fundamentada e crítica das produções em livros, artigos e sites da internet sobre brinquedotecas hospitalares e Educação Não Formal no período de novembro de 2008 a junho de 2009. O objetivo principal foi analisar aspectos da Educação Não Formal presente nas produções científicas sobre brinquedoteca hospitalar, as concepções sobre essas áreas e complementaridade. Conclui-se, que as brinquedotecas hospitalares promovem a humanização, a aprendizagem e o bem estar das crianças hospitalizadas.

Palavras chaves: Brinquedoteca, hospital, Educação Não Formal.

Abstract

The toy library is a space intended for the play and this is important in hospital, since when the child is in hospital suffering from painful treatments and the estrangement from his or her family, educational and recreational spaces. The toy library brings into the hospital moments of play that contribute to the continuity of the educational process of children. Being a playful and educational space different from the formal educational environments and present a proposal humanizing characterized as an area of non-formal education. This research was qualitative and the methodology used was literature being written on this subject. The methodological procedures were guided by the literature review and critique productions based on books, articles and websites about hospital toys libraries and non-formal education in the period November 2008 to June 2009. The main objective was to analyze aspects of the non-formal education in scientific production on this hospital toy library, the conceptions about these areas and complementarity. It is concluded that the hospital toys libraries promote the humanization, learning and well being of hospitalized children.

Key Words: Toy library, hospital, non-formal education.

¹ Graduanda em Pedagogia (2006) pela Universidade Estadual de Ponta Grossa – UEPG/PR. Foi bolsista de iniciação científica – PIBIC/UEPG. E-mail: juliane_morais@hotmail.com.

² Profa. Dra. do Centro de Educação da Universidade Federal do Espírito Santo em Vitória e Professora Colaboradora do Programa de Pós-Graduação e Departamento de Educação da Universidade Estadual de Ponta Grossa – UEPG/PR. E-mail: erciliapaula@terra.com.br.

A experiência da internação é algo que pode trazer muitos danos e sofrimentos para a criança e ainda comprometer seu processo educativo, pois, além de conviver com tratamentos dolorosos, a criança fica afastada de seus familiares, amigos e convive com um ambiente estranho e pouco acolhedor. Por isso, alguns hospitais têm implantado as Brinquedotecas e adotando-as como uma prática. Pesquisadores como Mitre & Gomes (2004) defendem o brincar no ambiente da hospitalização como facilitador das interações e um meio de (re) significação do modo tradicional de intervenção e cuidados com a criança.

Oliveira & Mattioli (2006) relatam a experiência de uma pesquisa realizada no ano de 2003, em um hospital na cidade de Presidente Prudente/SP, com três crianças hospitalizadas, com idades, entre dez meses a quatro anos e descrevem que o brincar produz uma ressonância interna favorável na criança internada.

A implantação de brinquedotecas nos hospitais recentemente ganhou apoio legal com a Lei 11.104/2005 (BRASIL, 2005) a qual tornou obrigatória a instalação de brinquedotecas em hospitais que ofertam atendimento pediátrico em regime de internação. Mas mesmo sendo uma prática muito importante e com respaldo legal, a presença de brinquedotecas hospitalares é ainda pouco frequente no Brasil.

Além das brinquedotecas contribuírem para humanização do ambiente hospitalar e ajudarem à criança a lidar melhor e, conseqüentemente, aceitar a doença, elas são espaços de aprendizagem. Desta forma, a presença de brinquedotecas hospitalares se configura como espaço de Educação Não Formal, um tema ainda difícil de conceituar. Na revisão de literatura sobre Educação Não Formal foram encontradas produções de Gohn (2006) e Garcia (2008) que nos apresentam as características desse tipo de educação.

Este artigo tem como objetivo descrever e analisar a importância da brinquedoteca hospitalar como um meio de humanização e espaço de Educação Não Formal no ambiente hospitalar.

Esta pesquisa foi qualitativa e a metodologia utilizada foi a revisão da literatura, a fim de analisar os materiais que estão sendo escritos a respeito desse tema. Os procedimentos metodológicos foram pautados na revisão de literatura fundamentada e crítica das produções em livros, artigos e sites da internet sobre brinquedotecas hospitalares e Educação Não Formal no período de novembro de 2008 a junho de 2009.

De acordo com Alves-Mazzotti (2006) a revisão de literatura exige uma postura do pesquisador comprometida e engajada com a crítica sobre o estado atual do conhecimento de sua área de interesse. Em função da necessidade de compreensão destas áreas, a seguir, serão analisadas as especificidades das brinquedotecas, da Educação Não Formal e da complementaridade de ambas.

Brinquedoteca

As brinquedotecas são espaços repletos de jogos e brinquedos e que possibilitam a criança entrar em contato com um universo lúdico e nele brincar livremente. Mas, de acordo com Friedmann (1992, pg 68): “A Brinquedoteca não é apenas um amontoado de brinquedos, são objetos imóveis que ganham vida nas mãos das crianças” Ou seja, a brinquedoteca permite a criança ir além do mundo real. Quando ela brinca de casinha, de ser mãe, pai, médico, ela viaja no seu imaginário.

Para Melo & Valle (2005) o brincar permite uma fuga saudável da realidade, favorecendo a aproximação e o afastamento de dois mundos diferentes: o real e o imaginário.

A Associação Brasileira de Brinquedotecas (2009, p.1) assim as define:

A brinquedoteca é o espaço mágico criado para dar oportunidade às crianças de brincar de forma enriquecedora, de mergulharem em seus brinquedos sem adultos para atrapalhar. Lá existem muitos brinquedos, muita magia e criatividade.

A brinquedoteca é um espaço todo projetado para brincar, que além de proporcionar momentos agradáveis à criança, proporciona também momentos de aprendizagem, pois possibilita seu desenvolvimento cognitivo e motor. Segundo Hipolytto (2001) brincar é o mais completo dos processos educativos, pois influencia o intelectual, o emocional e o corpo da criança.

Além disso, a brinquedoteca é também um espaço de socialização e de interação entre as crianças. Para Kishimoto (1995, p.13) “as brinquedotecas são espaço do brincar que estimulam a criatividade e a socialização”. Na brinquedoteca, a criança tem a oportunidade de interação, pois brinca com crianças de várias idades, compartilha brinquedos, conversas e brincadeiras.

De acordo com Silva (1997, p. 73) a brinquedoteca:

É local de interações com parceiros de diferentes idades, em que o prazer de brincar, transforma os objetos dando-lhe a dimensão simbólica, distanciando-os da realidade, muitas vezes traumatizantes, ou permitindo atingir situações geralmente impossíveis, mágicas.

Podemos afirmar que as brinquedotecas são espaços constituídos de jogos e brinquedos que facilitam o brincar e proporcionam aprendizagens expressivas para as crianças, pois fornecem a aprendizagem física, intelectual, motora e ainda proporcionam um ambiente de socialização e interação para as crianças.

De acordo com Ramalho e Silva (2004, p. 26):

a brinquedoteca coloca ao alcance da criança inúmeras atividades que possibilitam a ludicidade individual e coletiva, permitindo que ela construa seu conhecimento próprio. Todas as brinquedotecas possuem como objetivo o desenvolvimento das atividades lúdicas e a valorização do brincar, independentemente do tipo e local onde estejam instituídas, seja numa escola, num hospital, numa clínica ou numa universidade.

Histórico das Brinquedotecas

As primeiras Brinquedotecas começaram a surgir a partir do século XX. Em um primeiro momento, elas foram difundidas na Europa e só mais tarde vieram para o Brasil.

Segundo a Associação Brasileira de Brinquedotecas (2009), a primeira ideia de Brinquedoteca surgiu em Los Angeles, em 1934, quando o dono de uma loja de

brinquedos observou que as crianças estavam roubando brinquedos. Este fato fez com que ele fosse se queixar para o diretor de uma escola municipal. O diretor concluiu que as crianças agiam deste modo porque não tinham brinquedos. Por isso, o dono da loja iniciou um serviço de empréstimos de brinquedos como recurso comunitário. Esse serviço era chamado de *Toy Loan* e sobrevive até hoje.

Entretanto, só em 1963 é que essa ideia foi mais desenvolvida, quando na Suécia surgiu a primeira Ludoteca destinada para empréstimo de brinquedos e orientação de pais e crianças excepcionais sobre qual a melhor forma de brincar para estimular tais crianças.

No Brasil, elas também começaram a se desenvolver com o propósito de ajudar crianças com deficiências. Em 1973 foi implantado o Sistema de Rodízio de brinquedos e materiais pedagógicos na APAE, a chamada Ludoteca. Em 1981 foi criada pela pedagoga Nylse Cunha a primeira brinquedoteca brasileira na escola Indianópolis de São Paulo. Segundo Kishimoto (1995) essa brinquedoteca era destinada às pessoas com deficiência mental e auditiva.

As Brinquedotecas tiveram sua origem ligada ao empréstimo de brinquedos, mas com o passar dos anos elas foram evoluindo e passaram a englobar diferentes atividades. Atualmente podemos encontrar diversos tipos de brinquedotecas, cada qual representa as características de sua comunidade originária, mas todas apresentam um mesmo objetivo: desenvolver atividades lúdicas e emprestar brinquedos, materiais e jogos. (KISHIMOTO, 1992)

Existem brinquedotecas em diferentes espaços, em escolas, comunidades, universidades, hospitais, entre outras. Esse artigo irá abordar com maior ênfase a Brinquedoteca Hospitalar, acreditando na importância desta e reconhecendo-a como um espaço de Educação Não Formal.

Brinquedoteca no Hospital

O Hospital geralmente é um espaço que causa muitos traumas para as crianças, pois elas convivem com tratamentos invasivos, rotinas rigorosas além do distanciamento de seus familiares, amigos e objetos pessoais. De acordo com Mitre e Gomes (2004), a hospitalização afasta a criança de sua rotina diária, do ambiente familiar e a obriga a conviver com a dor, a limitação física e a passividade, o que faz aflorar sentimentos de culpa, punição e medo da morte.

Diante de toda essa rotina desgastante o brincar aparece como uma possibilidade de alterar o cotidiano de internação, já que produz uma realidade própria e singular. (MITRE & GOMES, 2004)

Os espaços do brincar surgiram nos hospitais para estimular e facilitar as crianças nas brincadeiras. Portanto, as brinquedotecas começaram a se fazer necessárias nos hospitais como esses espaços de excelência. Inicialmente elas foram surgindo de forma tímida, por iniciativas isoladas, e atualmente são obrigatórias. Porém, o que podemos perceber é que em muitos casos, essa lei não vem sendo cumprida e também não existem órgãos competentes para fiscalizá-la.

A Lei 11.104/2005 (BRASIL, 2005) assim define Brinquedoteca hospitalar: “Considera-se brinquedoteca, para os efeitos desta Lei, o espaço provido de brinquedos e jogos educativos, destinado a estimular as crianças e seus acompanhantes a brincar”. (BRASIL, 2005)

Brincar é uma forma da criança lidar melhor com toda esta situação de hospitalização e traz mais alegria, cor para aquele espaço muitas vezes triste e sombrio.

Para Oliveira & Mattiolo (2006, p. 4), “o brincar no hospital é uma forma da criança lidar criativamente com a sua realidade”.

Além disso, a presença de brinquedotecas nesse ambiente possibilita uma maior humanização e interação entre pacientes e acompanhantes. Permite troca de experiências, diálogo, fazendo com que sua estadia no hospital se torne menos desagradável.

a brinquedoteca hospitalar é um espaço de promoção das interações entre as crianças e adolescentes, possibilita momentos de lazer, socialização com parceiros de idades variadas, resgate da auto-estima, da alegria e da vontade de viver. (PAULA, 2008, p. 3)

A presença de Brinquedotecas nos hospitais também funciona como um espaço terapêutico, facilitando a adesão da criança ao tratamento e o aceitação da doença.

Ao brincar de desenhar, pintar, colorir, jogar, brincar de casinha, de pai, de mãe, de médico, as crianças desenvolvem suas potencialidades, aprimoram suas qualidades, expressam seus desejos, seus medos. Falar da doença em um espaço de saúde, faz com que elas abordem a questão de uma forma mais aceitável e dentro de suas limitações. (CORDEIRO, 2007, p. 174)

A Brinquedoteca é também o único espaço em que a criança pode escolher o que e como fazer, pois o restante do tempo está destinado aos procedimentos hospitalares, por isso ela se torna um ambiente de autonomia para a criança.

O local bem mais do que um depositário de brinquedos, teria a função de servir como espaço de segurança e domínio para a criança internada, onde ela não pode sofrer procedimentos invasivos e dolorosos e escolhe o que quer fazer. (MITRE & GOMES, 2004, p. 150)

De acordo com estes pesquisadores, a presença de brinquedotecas em hospitais contribui também para a recuperação mais rápida dos enfermos. O emprego de brincadeiras nos hospitais baseia-se na ideia de que brincando a criança se expressa e passa a equilibrar melhor suas emoções, acelerando assim sua recuperação. Além disso, a brincadeira espontânea proporciona seu desenvolvimento integral. (SILVA, 1997)

Esse ambiente torna-se também rico em aprendizagens, pois brincando a criança aprende e se desenvolve. Por meio das brincadeiras, da literatura e das artes a criança começa a aprender várias atividades e brincadeiras, aprende a partilhar, já que os trabalhos, as brincadeiras são realizadas em grupos, desenvolve a responsabilidade de cuidar dos brinquedos, de partilhar com o outro. Paula descreve (2008, p. 3) que:

Quanto às aprendizagens geradas, as brinquedotecas promovem: a descoberta de diferentes atividades e brincadeiras, relacionamento das crianças com brinquedos diversos (dos mais artesanais até os industrializados), a partilha dos brinquedos, desenvolvimentos de hábitos de cooperação e responsabilidade sobre os brinquedos. As brinquedotecas também são caracterizadas por espaço de construção da cidadania, uma vez que trabalham com a preservação de brinquedos como bens públicos.

Muitas crianças permanecem por muito tempo nos hospitais e, durante esse tempo, seu processo educativo não pode ser desconsiderado. No Brasil, ainda existem muitas instituições hospitalares que não oferecem nenhum recurso para a criança hospitalizada interagir durante a internação, quer seja um brinquedo, um lápis, um caderno ou um livro. Por isso, as brinquedotecas se tornam uma alternativa para que, mesmo as crianças permanecendo vários dias, meses ou até anos nos hospitais, elas possam continuar aprendendo. Nesse sentido, as brinquedotecas classificam-se como espaços de Educação Não Formal. Todavia, também é preciso destacar que essas crianças precisam ter também o seu direito a Educação Formal garantido através das classes hospitalares.

A brinquedoteca como espaço de Educação Não Formal

Na sociedade atual, apesar da Constituição de 1988 trazer muitos direitos sociais, o Estado não consegue suprir todas as necessidades da população. Sendo assim, a sociedade civil começa a também se responsabilizar pela garantia desses direitos e necessidades. Esse é o chamado Terceiro Setor, o qual surgiu para suprir as lacunas que o Estado não conseguia cumprir e recentemente vem ganhando cada vez mais espaço. De acordo com Junqueira (2006, p. 199):

O Estado, sem se eximir de sua responsabilidade, transfere algumas de suas competências para organizações da sociedade civil, as quais passam a assumir, em caráter complementar e em parceria, ações sociais que possibilitam oferecer à população melhores condições de vida.

Esse fenômeno começa a aparecer também no campo educacional. Embora a obrigatoriedade da brinquedoteca hospitalar esteja prevista em lei, como já destacado anteriormente, o que se observa é que o Estado não tem conseguido de maneira eficaz implantar essas brinquedotecas e contratar profissionais para nela atuarem. Este aspecto da contratação de profissionais não está implícito na legislação. Por isso, o trabalho voluntário e as parcerias com instituições como Universidades estão tomando para si essa responsabilidade. Nas Brinquedotecas Hospitalares no Brasil verifica-se que a grande maioria é composta por voluntários e estudantes estagiários - extensionistas que atuam nesses espaços devido às carências de profissionais contratados ou concursados.

As parcerias com a sociedade civil, o trabalho voluntário, os estágios dos estudantes das universidades configuram a presença de aspectos educacionais nesses espaços diversos dos escolares, os quais são características como da Educação Não Formal.

A Educação Não Formal é aquela que acontece fora do ambiente escolar por meio de processos de socialização de conhecimentos. Para Gohn (2006, p. 28): “a Educação Não Formal é aquela que se aprende no ‘mundo da vida’, via os processos de compartilhamento de experiências, principalmente em espaços e ações coletivas cotidianas”.

Podemos então classificar as brinquedotecas hospitalares como espaços de Educação Não Formal, pois as crianças estão impossibilitadas de frequentar a escola ou espaços de aprendizagem e lazer. A brinquedoteca traz para dentro do hospital esses momentos de aprendizagem.

Gohn (2001) também descreve que a Educação Não Formal apresenta quatro campos ou dimensões quanto a sua área de abrangência. O primeiro engloba as

aprendizagens políticas, aquelas relacionadas aos nossos direitos de cidadãos. O segundo, busca a capacitação do indivíduo para o trabalho, através do desenvolvimento de suas capacidades. O terceiro, busca capacitar os indivíduos para a solução de questões coletivas cotidianas e o quarto caracteriza-se pela presença dos conteúdos de Educação Formal. Neste campo, o ensinar realiza-se de modo mais espontâneo. Na Educação Não Formal, ainda temos a educação que acontece por meio da mídia, entre outras.

A brinquedoteca hospitalar situa-se na quarta área de abrangência, pois nesse espaço são oportunizadas as crianças várias aprendizagens de forma mais espontânea, através do brincar, da literatura, das artes, da música, da interação e da socialização dos conhecimentos com as demais crianças internadas, com os acompanhantes, familiares e responsáveis pela brinquedoteca. Para (GOHN, 2006, p. 29): “Na Educação Não Formal, o grande educador é o ‘outro’, aquele com que interagimos ou nos integramos

Além disso, na Brinquedoteca assim como na Educação Não Formal não ocorre uma divisão de crianças por idades, mas suas ações e planejamentos são flexíveis os quais são adequados as características dos grupos:

Há metodologias, em suma, que precisam ser desenvolvidas, codificadas, ainda que com alto grau de provisoriedade, pois o dinamismo, a mudança, o movimento da realidade segundo o desenrolar dos acontecimentos, são as marcas que singularizam a Educação Não Formal. (GOHN, 2006, p. 32)

Assim, como os trabalhos desenvolvidos no hospital, a Educação Não Formal tem caráter humanista e esse é um dos grandes objetivos da instalação de brinquedotecas hospitalares. Essas organizações buscam humanizar, alegrar aquele ambiente muitas vezes tomado pelo medo e pela angústia. Normalmente nos hospitais, ainda predomina a concepção e o modelo biomédico de atendimento as crianças enfermas. Na área da saúde, é muito comum os profissionais se aterem ao atendimento das necessidades físicas e patológicas das crianças, esquecendo que, por detrás das doenças, existem pessoas com necessidades específicas e carências, principalmente de afeto e compreensão. Nesse sentido, as brinquedotecas hospitalares assumem um caráter de humanização para as crianças e seus familiares. Com o tempo, e os trabalhos que estão sendo desenvolvidos nas brinquedotecas do Brasil, os profissionais de saúde têm vislumbrado essas outras possibilidades para as pessoas hospitalizadas em nosso país. As brinquedotecas hospitalares ofertam, portanto, às crianças hospitalizadas e seus familiares, a possibilidade também de uma formação integral, pois trabalham com o lúdico e também com valores de companheirismo, solidariedade e acolhimento ao outro.

O método, o conteúdo a ser trabalhado emerge das carências do grupo, mas mesmo não sendo uma Educação Formal como aquela realizada nas escolas, há uma intencionalidade nas atividades desenvolvidas no hospital. Elas têm objetivos e fins específicos e buscam vários aspectos: contribuir para o desenvolvimento intelectual e psicológico da criança, da educação para a cidadania, para reconhecimento de direitos e para a liberdade.

As brinquedotecas auxiliam as crianças a superarem as suas dificuldades e trabalham com a emancipação dos indivíduos. Quando as crianças brincam, interagem com outras crianças, mesmo debilitadas, elas superam seus limites. Em relação as superações de limites nas questões físicas, nas brinquedotecas, as crianças, mesmo com soro, conseguem escorregar nos escorregadores, entrar nas casinhas de bonecas, brincar com

bolas, brinquedos eletrônicos, dentre outros. Os brinquedos são mediadores que as fazem esquecer-se da dor e propor brincadeiras coletivas com os seus parceiros, quer seja no faz-de-conta, nos jogos de quebra-cabeça, bingos, dominós, dentre outros.

Nas brinquedotecas, elas também aprendem responsabilidades, como por exemplo: quando precisam cuidar dos acervos de brinquedos. As crianças resgatam a auto-estima e a vontade de lutar contra a doença. A promoção da autoestima pode ser verificada através de gestos simples que muitas vezes são esquecidos para as crianças em uma situação de hospitalização. A permanência por muito tempo deitadas faz com que os cabelos fiquem despenteados, roupas amassadas e o corpo esquecido. Na ida para a brinquedoteca, as crianças sentem vontade de se arrumar, pentear os cabelos, escovar os dentes, fazer higienização das mãos, muitas até passam perfume para se sentir melhor. É muito comum as crianças irem com pantufas infantis e se divertirem com as pantufas dos amigos. Há uma valorização visível das transformações realizadas no corpo e no humor dessas crianças. Para Mitre e Gomes (2004, p. 148):

O brincar surge como uma possibilidade de modificar o cotidiano de internação, pois produz uma realidade própria e singular. Através de um movimento pendular entre o mundo real e o imaginário, a criança transpõe as barreiras do adoecimento e os limites de tempo e espaço.

Estes espaços ainda mostram-se como uma proposta de educação diferenciada que, além de promover a aprendizagem, busca humanizar, atenuar os sofrimentos decorrentes da hospitalização e contribuem, por meio de brincadeiras e conversas, para a aprendizagem e desenvolvimento das crianças internadas. Ou seja, mostram-se como uma proposta de educação transformadora em contexto diferenciado. Como descreve Garcia (2008, p. 94):

Esta compreensão da Educação Não Formal a partir da filosofia pode fazer com que algumas práticas da Educação Não Formal apresentem-se como uma possível proposta de educação inovadora e transformadora, que busca a partir das relações vividas no cotidiano, da valorização de questões não consideradas em outros campos educacionais, fazer emergir as bases de uma relação diferenciada.

Percebe-se, que as brinquedotecas hospitalares estão contribuindo para transformar o ambiente hospitalar, modificando a rotina triste e solitária e trazendo mais alegria, momentos de diálogo, de distração e de aprendizagens. Elas têm tornado a estadia das crianças e seus acompanhantes menos dolorosa.

Considerações Finais

Como transcrito no decorrer do artigo, a análise da literatura desta área nos revelou, através das produções de diferentes estudiosos desta temática, a importância da brinquedoteca no ambiente hospitalar. Este espaço permite a criança brincar livremente, se libertar do medo e da angústia decorrente da hospitalização. A brinquedoteca propicia também momentos de descontração em meio às dores que um tratamento pode causar e é uma maneira de humanizar e alegrar esse ambiente marcado pela dor e pela tristeza.

A brinquedoteca hospitalar também é um espaço de Educação Não Formal, no qual a criança, muitas vezes, impedida de frequentar a escola, continua seu processo educativo. Por ser um espaço educativo diferenciado dos ambientes formais de

educação, caracteriza-se como um espaço de Educação Não Formal, no qual a aprendizagem se dá de maneira mais espontânea, porém não menos eficiente, pois de acordo com vários autores, o brincar permite o desenvolvimento integral, brincando a criança desenvolve o intelectual, o emocional e o motor.

Os padrões de educação para crianças hospitalizadas muitas vezes são diferentes dos padrões utilizados para aprendizagem nas escolas formais. Para muitas crianças no hospital, o atendimento individualizado pelos brinquedistas, estagiários ou terapeutas ocupacionais e as formas lúdicas de aprendizagem, propiciam resultados satisfatórios para o desenvolvimento destas crianças se comparados com atendimentos despersonalizados, massificantes e descontextualizados das patologias destas crianças, vivenciados por muitas crianças internadas em nosso país nas suas escolas de origem. As brinquedotecas nos hospitais são um complemento para as escolas regulares e não tem a função de competir com essas instituições, mas aliar os trabalhos desenvolvidos nas brinquedotecas nos hospitais com os trabalhos das escolas. A educação escolar é um direito fundamental e deve ser garantido.

Portanto, a brinquedoteca hospitalar assume a característica de um espaço de Educação Não Formal que, além de garantir a brincadeira, propicia momentos de alegria e aprendizagem. Ela também é um espaço de formação integral do indivíduo que partilha brinquedos, brincadeiras, aprende valores, cooperação e respeito ao próximo.

Este espaço mostra-se também como uma proposta de educação transformadora, que ensina e colabora na autonomia da criança, promove a aprendizagem e melhora a autoestima das crianças hospitalizadas. Fica claro que as brinquedotecas hospitalares se mostram com uma proposta de educação que favorece a construção da cidadania, a educação em um contexto distinto e a diversificação do contexto formal de educação.

Referências

ALVES-MAZZOTTI, A. J. A revisão da bibliografia em teses e dissertações: meus tipos inesquecíveis: o retorno. In: BIANCHETTI, Lucídio; MACHADO, Ana Maria Netto (org). **A bússola do escrever**. Florianópolis: Editora da Universidade Federal de Santa Catarina, UFSC 2006.

BRASIL. **Lei 11.104/2005 de 21 de março de 2005**. Dispõe sobre a obrigatoriedade de instalação de brinquedotecas nas unidades de saúde que ofereçam atendimento pediátrico em regime de internação. Disponível em: <http://www.leidireto.com.br/lei-11104.html>. Acesso em 19 de fevereiro de 2009.

ASSOCIAÇÃO BRASILEIRA DE BRINQUEDOTECA. **O que é a Brinquedoteca**. Disponível em: <http://brinquedoteca.siteinteligente.com/si/site/0022000?idioma=portugues>. Acesso em: 02 de fev. 2009.

CORDEIRO, I. D. Espaço educativo Brinquedoteca Hortênsia de Hollanda: O lúdico como mediação no tratamento da AIDS pediátrica. In: ALCOLEA, E. E. G. et al. **7 HIV-AIDS Virtual Congress: O VIH/SIDA na criança e no idoso**. Santarém: SIDAnet, maio de 2007. Disponível em: <http://www.aidscongress.net/pdf/293.pdf>. Acesso em 10 de jan. de 2009.

FRIEDMANN, A. A criança na brinquedoteca. In: FRIEDMANN, A. et al. **O direito de brincar: a brinquedoteca**. São Paulo: Scritta, 1992, p. 65-73.

GARCIA, V. A. O papel da questão social e da Educação Não Formal nas discussões e ações educacionais. **Revista de Ciências da educação**, Americana/SP, ano X, n.18, 1º semestre de 2008, p. 65-96, 2008.

GOHN, M. da G. Educação Não Formal. In: GOHN, M. da G. **Educação Não Formal e cultura política: impactos sobre o associativismo do terceiro setor**. 2 ed. São Paulo: Cortez, 2001, p. 91-111.

GOHN, M. da G. Educação Não Formal, participação da sociedade civil e estruturas colegiadas nas escolas. **Ensaio: aval. Pol. Públ. Educ.** Rio de Janeiro, v. 14, n. 50, p. 27-38, jan/mar. 2006.

HYPOLITTO, D. Brinquedoteca. In: **Integração: ensino-pesquisa-extensão**, n. 24, ano VI, fev. 2001, São Paulo. São Paulo: Universidade São Judas Tadeu. Fev. 2001, p.33-35, Disponível em <http://scholar.google.com.br/scholar?q=brinquedotecas:+um+mergulho+no+brincar&hl=pt-BR&lr=&start=0&sa=N>. Acesso em 29 de jan. de 2009.

JUNQUEIRA, L. A. P. Organizações sem fins lucrativos e redes sociais na gestão das políticas sociais. In: CAVALCANTI, M. **Gestão social, estratégias e parcerias: redescobrimo a essência da administração brasileira de comunidades para o terceiro setor**. São Paulo: Saraiva, 2006. cp. 6. p.195-215.

KISHIMOTO, T. M. Brinquedoteca: espaço do brincar estimula a criatividade e a socialização. **AMAE educando**. São Paulo: n. 250, p. 13-17, abril, 1995.

KISHIMOTO, T. M. Diferentes tipos de brinquedoteca. In: Friedman, A. **O direito de brincar: a Brinquedoteca**. São Paulo: Abrinq, 1992, p. 51-59, 4 ed.

MELO, L. de L.; VALLE, E. R. M. do. O Brinquedo e o Brincar no desenvolvimento infantil. **Revista Psicologia Argumento**. Curitiba, v. 23, n. 40, p. 43-49, jan./mar. 2005.

MITRE, R. M. de A.; GOMES, R. A promoção do brincar no contexto da hospitalização infantil como ação de saúde. **Ciênc. saúde coletiva**. Rio de Janeiro, v.9, n.1, 2004.

OLIVEIRA, M. C. de; MATTIOLI, O. C. Hospitalização Infantil: o brincar como espaço de ser e fazer. In: **XIX Encontro de Psicologia**, n. 19, ago. 2006. Anais do XIX Encontro de Psicologia da UNESP, São Paulo, p. 1-7. Disponível em: http://www.assis.unesp.br/encontrosdepsicologia/ANAIS_DO_XIX_ENCONTRO/96_MARCIA_CAMPOS_DE_OLIVEIRA.pdf. Acesso em: 14 Mar. 2009.

PAULA, E. M. A. T. de. Educação popular em uma brinquedoteca hospitalar: humanizando relações e construindo cidadania. In: **Reunião da Anped**, n. 31, 2008,

Caxambú/MG. Anais da 31ª Reunião da Anped. Disponível em: <http://www.anped.org.br/reunioes/31ra/1trabalho/GT06-4201--Int.pdf>. Acesso em 12/01/2009.

RAMALHO, M. R. de B; SILVA; C. C. M. da. A Brinquedoteca. **Revista ACB: Biblioteconomia em Santa Catarina**, Santa Catarina, v. 8/9, p. 26-34, 2003/2004. Disponível em <http://dici.ibict.br/archive/00000381/01/Brinquedoteca.pdf>. Acesso em 29/01/2009.

SILVA, P. H. da. Brinquedoteca no Hospital. In: **Anais do III simpósio de pesquisa da FEUSP**, São Paulo, v. 38, n. 3, p. 73-90, 1997.